



O livro 'Vulcões e a Humanidade...' de Zilda Franca Robert Tilling e Victor Hugo

Livro de Zilda França sobre vulcões é “quase um hino ao povo açoriano”

Com a inauguração da Casa dos Vulcões da ilha do Pico, foi lançado no dia 9 do corrente o livro cujo título aparece em epígrafe. É um livro de mais de 420 páginas que para além de contar a história vulcânica de cada uma das ilhas dos Açores “enaltece a luta do povo açoriano face a todas as adversidades por que tem passado desde o momento em que decidiu para aqui vir”.

O livro ‘Vulcões e a Humanidade. Açores: evocando a história vulcânica e humana’ da autoria de Zilda França, com a colaboração de Robert Tilling e Victor Hugo Forjaz, três vulcanólogos de renome internacional, e ilustrado com fotografias de alta qualidade da autoria do geólogo/astrónomo e, também, fotógrafo japonês Motomaro Shirao, de reconhecido nível, pretende dar um contributo para um melhor conhecimento sobre a realidade vulcânica e humana das nove ilhas que formam o arquipélago dos Açores.

Estruturado com grandes preocupações pedagógicas, o livro apresentado no passado dia 9, na Casa dos Vulcões, por Raquel Soeiro de Brito, ilustre geógrafa Portuguesa, primeira a desenvolver trabalhos de investigação sobre o Vulcão dos Capelinhos, surge em versão bilingue para chegar ao maior número de leitores, utilizando uma linguagem descodificada, sem, no entanto, descurar o alto rigor científico.

O livro apresenta conteúdos ilustrados quer pelas excelentes fotografias, como por mapas, gráficos e, integra, na sua parte final, um extenso glossário. Uma longa bibliografia é acessível através do endereço de uma página WEB, ou por leitor de código QR, que são disponibilizados no livro, o que poderá ser útil, sobretudo, para quem quiser aprofundar os seus conhecimentos sobre a problemática da Vulcanologia, quer de carácter geral ou dos Açores em particular.

Ao longo de três capítulos o trabalho lança um desafio, a todos os interessados pela realidade vulcânica e humana dos Açores, para integrarem uma espécie de ‘excursão’ fotográfica com início em Santa Maria, no extremo oriental, e término no Corvo, a ocidente.

Considerando que alguns dos eventuais leitores possam não estar familiarizados com a terminologia e conceitos vulcânicos, os autores optaram por intro-

duzir um primeiro capítulo onde se analisam algumas noções basilares de vulcanologia. Num segundo capítulo, numa parte introdutória, é feita uma breve abordagem ao enquadramento geológico do arquipélago, à sua sismicidade e erupções vulcânicas em tempos históricos, entre outros assuntos. A parte principal deste capítulo faz uma reconstituição da história vulcânica de cada uma das ilhas, tentando contar como e quando terão surgido, e quais os principais processos que têm contribuído para as suas actuais configurações.

O terceiro capítulo é dedicado à forma como os açorianos têm ultrapassado os inúmeros desafios que a natureza tem apresentado e, principalmente, como têm coexistido com os seus vulcões desde meados do século XV, altura em que ocorreu o povoamento das ilhas.

Dedicado a todos os leitores interessados nos fenómenos vulcânicos, e nos seus impactos, o livro poderá ter uma utilidade muito especial para os professores do ensino secundário, particularmente nos momentos lectivos em que terão de abordar a origem e evolução de cada uma das ilhas do arquipélago, bem como para alunos universitários do âmbito das Ciências da Terra.

Com estes objectivos em mente, segundo é possível ler no prefácio, fez-se um esforço especial para apresentar os fenómenos, e as suas implicações, numa linguagem não demasiado técnica, e, tanto quanto possível, facilmente compreensível.

Zilda França, vulcanóloga natural de São Roque do Pico, considera que o livro é “único” nos Açores e até em Portugal nesta área do saber, acrescentando que o terceiro capítulo é “quase um hino ao povo açoriano”. É, segundo ela, uma exaltação à convivência dos açorianos com os seus vulcões, à forma heroica e imaginativa com que foram sobrevivendo e erguendo-se sempre que a natureza os tentou derubar. O povo açoriano encontrou na sua fé tudo o que necessitava para se soerguer no momento em que tudo colapsava e se reduzia a nada.” E continua dizendo “Com grande dignidade, muito esforço, muita garra, e sobretudo muita fé, este povo luta e continuará lutando tentando preservar o seu modo de vida. O encanto e a paixão dos açorianos pelas suas ilhas, percorre-lhes o seu corpo como rios de lava fluindo para o mar”.

No dia 13 de Setembro

“Candelária ao Desafio”

Nesta 3ª edição da “Candelária ao Desafio”, participarão vários cantadores da ilha Terceira, a saber: José Eliseu, João Leonel “Retornado” e António Mota. Bruno Oliveira virá de S. Jorge.



Viola de Dois Corações

“Candelária ao Desafio” é o nome da III Edição da noite de cantoria que o Grupo de Jovens da Candelária leva a efeito no próximo dia 13 de Setembro, no Carramação do Império de S. Pedro, na rua da Eira Velha, daquela freguesia do Concelho de Ponta Delgada.

O cantar ao desafio, um género de cantiga popular que se estava a perder entre nós e que renasce com grande pujança, graças a um número considerável de jovens que se interessam pelo improvisado e que ultimamente é incluído nos programas festivos das nossas ilhas e na diáspora açoriana.

No espectáculo os cantadores vão improvisando, desafiando e respondendo um ao outro, normalmente ao som da viola da terra e dos violões, e tem atraído inúmeros apreciadores que se deliciam com o despique entre os improvisadores, batendo palmas, no decorrer da cantoria, sinal do interesse deste género de espectáculo.

Nesta terceira edição da “Candelária ao Desafio”, participarão vários cantadores da ilha Terceira, a saber: José Eliseu, João Leonel “Retornado” e António Mota, enquanto que Bruno Oliveira virá de S. Jorge.

Da ilha de S. Miguel, estarão presentes os cantadores José Borges, João Luís Mariano, Paulo Botelho “Chalana” e Nuno Fonseca, tudo nomes muito conhecidos e apreciados no mundo da cantoria, que serão acompanhados pelos tocadores Emanuel Coelho, Tio Dolores, Bruno Ponte, Renato Cordeiro e Pedro Costa.

Em S. Miguel, os jovens cantadores já rivalizam com os mais velhos e trouxeram cor e frescura

aos espectáculos e arrebanham muita gente, novos e velhos para assistirem às cantorias. Também conhecida por desgarrada, esta tradição é ainda denominada por cantares ao desafio, cantigas ao desafio ou cantigas à desgarrada, já tem uma associação de cantadores ao desafio dos Açores.

De acordo com Paulo Miranda, um dos organizadores da “Candelária ao Desafio”, o sucesso crescente desta iniciativa leva a que a organização espera que este ano, mais uma vez, o espectáculo seja coroado de o êxito, atendendo ao excelente naipe de cantadores e tocadores que têm merecido críticas muito positivas nas cantorias realizadas.

Esta terceira edição da “Candelária ao Desafio” tem o patrocínio da Junta Freguesia da Candelária, do Quintal dos Açores, da BenAuto-Rent a Car, da Quinta Pôr do Sol, do Restaurante Raião, de Augusto Dias, da Lavandaria Brisa dos Açores, de Manny Oliveira, Crisanto Viveiros, João Pavão Lda, da Associação juvenil de Candelária, Pereira & Ponte, Paulo Ponte (transporte e venda de pão ao domicílio), da Carpintaria de José Manuel Ferreira, dos emigrantes no Canadá Eduarda Borges e Carlos Caetano e ainda de João Mariano.

No decorrer da noite de cantoria, haverá barracas com gastronomia regional, onde não faltarão o caldo verde, o frango grelhado, bifanas, asinhas, moelas, batata frita, batata com pimenta, chouriço, morcela e lapas, tudo ingredientes tipicamente regionais que contribuirão para que o serão seja bem passado e apimentado com as cantigas ao desafio.

António Pedro Costa